

6

**DÉCIMO
CONCURSO ANUAL
DE LITERATURA**

CRÔNICAS

Setembro de 1991. Chega a seu término mais um concurso literário promovido pelo Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Sua importância evidencia-se sempre mais: abrange segmentos sociais diferenciados, revela e reafirma talentos, mostra que a magia da criação literária pulsa sempre mais viva.

Os professores Ana Maria Gurgel de Oliveira Gonzales, José Duarte Vannucchi e Maria Flávia Ca Margo Steffen, componentes da comissão julgadora e representantes do Departamento de Letras nesta promoção, sentem-se profundamente honrados em divulgar, através da Revista de Estudos Universitários, as cinco crônicas vencedoras em 1991:

- 1º lugar - "FOI ENGANO" de **Magally Gianelli**
- 2º lugar - "SOBRESSALTO" de **Clínio Jorge de Souza**
- 3º lugar - "CARTAS DEL MALDOROR" de **Maria Lúcia de Amorim Soares**
- 4º lugar - "FILOSOFANDO OU MATUTO PENSANTE OU MATUTO NÃO PENSA OU A VIDA É ASSIM MESMO OU OLHA EU AQUI!" de **Shirley Aparecida Jamelli de Almeida**
- 5º lugar - "CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA" de **Maria Cláudia Bonadio**

Os prêmios, em dinheiro, foram oferecidos pela Livraria Prosa e Verso, Overseas Turismo Ltda e Fundação Dom Aguirre e entregues aos vencedores em solenidade realizada no salão nobre da entidade, no dia 30 de setembro de 1991, ocasião em que o Professor e Jornalista **Celso Ribeiro** discorreu sobre o tema "**HUMOR**".

FOI ENGANO

Ela estava quieta lá dentro, saboreando o jantar. O telefone tocou, animando o silêncio. Talvez fosse uma voz amiga, convidando para o cinema. Mas, não. Era engano. Ela voltou à cozinha, abriu o armário para pegar o pão. De novo, a conhecida estridência. Mais uma vez, alguém distante pedindo desculpas. Foi engano.

Ela procurava explicação para a contínua ocorrência. Gostava de imaginar quem se enganava com tanta facilidade. Quem sabe, crianças solitárias tentando matar o tempo com a brincadeira. Crianças, cujos pais tinham saído. Ficando assim entregues a em pregadas ocupadas demais para prestarem atenção ao que elas — crianças — faziam. Mas, na maioria das vezes, eram vozes adultas. Vozes cansadas, apressadas e perdidas, na cidade poluída, cheia de violência e desencantos.

E sempre a mesma lengalenga. A pergunta sobre alguma Teresa que não morava ali, um prováve T João, a Maria de outra casa, o Joaquim do não sei onde. A chamada para sujeitos inexistentes e desconhecidos, ou, ainda, um recado a dar, sem saberem direito para quem. A distração de pessoas que nada conferiam, o pensamento longe, na hora de discar...

As explicações eram compridas e inúteis, mas acontecia, também, o colapso nas linhas. A cidade crescera tanto, mais que sua capacidade física e econômica de aumentar a rede. Daí, as linhas cruzadas, as ligações equívocas, as conexões destrambelhadas. Ah, a consagrada ineficiência dos canais competentes!

Ela voltou ao seu jantar. Acabou a refeição, lavou a louça, ligou a televisão. Alguém enganava alguém no horário nobre. Pobre antidiálogo feito de esconde-esconde e de trapagens. Desligou o aparelho, preparou-se para dormir, cismando. Quantos enganos no dia, na vida. Uma disfunção eletrônica, uma falha humana. Comunicação interceptada pelo lacônico: – Desculpe, foi engano.

Magally Gianelli

SOBRESSALTO

Acomodou-se na poltrona. Deveriam ser umas seis horas da tarde, mas a casa, inexplicavelmente, estava silenciosa. Dia cheio, empregada doente, roupa parada suja. As crianças, talvez, no vizinho brincando. Por fim aquietou-se, retomando a leitura bem no ponto em que a mulher esperava o amante. De quando em quando, um ou outro carro quebrava a monotonia do silêncio. A natureza insistia, estranhamente calma, mas tanto que o barulho das folhas no jardim, sempre abafado pelos ruídos da rua e algazarra das crianças, agora aparecia nítido como estalidos de madeira esfriando. Engraçado ela ali a se examinar na frente do espelho. Já fora bonita também, mas ultimamente sentia-se velha e cansada. Suspirou quando o relógio da parede bateu algumas pancadas, porém, o rotineiro cuco não saiu da portinhola como costumava. De um certo ângulo, pensou, seu corpo parecia ainda atraente, mas as mãos, o colo do pescoço já adquiriam uma incômoda opacidade, mas nada grave... duro aquelas ruguinhas, de início imperceptíveis, virem agora apontando intrusas aqui e ali, teimando em ficar. Bobagem, mas ajustou o seu melhor "peignoir" preto de que ele gostava e retocou mais uma vez a maquiagem. As folhas caíam como ruídos de passos leves. Ajustou a luminária, mergulhando o quarto em penumbra... e seu peito ligeiramente tremeu. Marco andava esquisito ultimamente. Perguntando sobre o marido, se guardava mesmo aqueles dólares, se ia viajar. Quando ela estranhou, da primeira vez, ele disfarçou com um beijo, mas na seguinte, andou a vasculhar a casa dissimulado. O marido ainda demoraria muito como nas outras sextas-feiras. Meio assim desanimada, explorava o previsível, mas

o sabia perigoso. E se ele um dia voltasse antes do costumeiro? O tempo era-lhe assim precariamente favorável, e o amante eficiente. A luz do dia lá fora escapava, e as folhas, talvez, tocadas pela música do vento, caíam mais rápidas como baques surdos. E, Marco — parecia-lhe claro — andava perturbado, pensando não-sei-o-quê com que ela não atinava, mas era persuasivo e adequadamente rápido. Como soubera dos dólares? Puxa, isso a incomodava como a ruga maior do colo. Ele bebera da última vez. Debitou suas cismas ao cansaço e caprichou no perfume francês. Chegou-se à janela e mal deu tempo de recuar um passo. Viu-o, com certeza, guardar um objeto que reluzira à luz da já lua tímida. Fora suficiente para que se sentisse um frio esquisito na espinha. Sim...era um revólver, pensou, e correu à porta num lampejo de sobrevivência. O segredo do cofre, o cretino só vem aqui por causa disso, agora tinha certeza. A porta fora fechada, quis gritar, mas no relógio o cuco imprestável fazia muito barulho agora, e ela correu para a cama, quem sabe, esconder-se, quem sabe...as folhas caíam como martelos na bigorna e a maçaneta girou maciamente... ele subira adequadamente rápido como sempre. Ainda tentou gritar, mas duas mãos fortes e cabeludas a enlaçaram com força. Um beijo frio e calculado no rosto, as mãos lhe retirando o livro que ela apertava freneticamente:

— Querida, por que o susto? O que temos para o jantar?

— Puxa, querido, já são sete horas... você chegou mais cedo?

Só noutro dia pôde retomar a leitura bem no ponto em que...

Clínio Jorge de Souza

CARTAS DEL MALDOROR

Estar fora de sintonia com os usos e costumes de seu tempo e lugar pode levar o indivíduo a ser classificado com uma variedade de apelidos desagradáveis, como cafona, brega, "out" e assim por diante. Direto do interior vem mais um apêndice a essa terminologia escarnecedora: charleta! Charleta é o "gauche" que não usa o modelito certo nem apresenta os requisitos "corretos", em seu tempo e lugar.

Charleta é um amigo de Nova Iorque que me escreveu dizendo das vicissitudes envolvidas na compra de uns óculos. Para entendimento da polêmica questão, transcrevo alguns parágrafos da sua missiva, datada de 11 de agosto:

"Sempre que se compram óculos, é bom levar alguém para conferir, porque não podemos nos ver de todos os ângulos necessários. Comprei um, brilhante, um pouco demais para o meu gosto, mas a estrutura do aro era atraente. Uso a primeira vez e sou, justamente, gozado por amigos. No aro, do lado de fora, sem que eu visse, está escrito o nome do desenhista, e logo quem, Giorgio Armani, frívolo e peralta. Ou seja, me tornei garoto-propaganda deste bem sucedido "trendy" italiano ("trendy", aqui, é equivalente ao estilista daí).

Vou à moça da ótica para ver se ela tira. Digo que meus amigos estão rindo de mim. Fica surpresa. É jovem. De uma geração formada pela cultura da propaganda, em que as pessoas andam com nomes de desenhistas nos traseiros, no "blue jeans", em que todos os escassos artigos dos vestuários

dos tenistas apregoam algum troço, em que corredores de automóveis parecem pilotar refrigerantes aerodinâmicos. Não é o meu mundo. É o dela. Mas vai fazer o sacrifício e raspar Giorgio das proximidades dos meus olhos."

Essa carta do meu amigo lá de Nova Iorque, datada de 11 de agosto, me faz pensar nas mutações do espaço e do tempo na era pós-moderna: a aceleração da gestão do tempo — do tempo de trabalho, dos serviços financeiros, da informação e da distribuição 24/24h; o império do efêmero da moda; a importância crescente da mídia e da publicidade, tão essenciais quanto a própria produção; a confusão entre a realidade e o simulacro, entre o presente e o passado; a ubiquidade do indivíduo contemporâneo, ligado a todos os lugares do planeta por uma rede sem falhas.

O mundo pós-moderno é uma Hongcong planetária, sistema sem pés no chão, delírio espaço-temporal. E o meu amigo que escreve lá de Nova Iorque, em carta datada de 11 de agosto, ainda não enxergou isso. Nem seus amigos nova-iorquinos. Por isso, decidi mandar de presente um exemplar Jean Baudrillard, que não é óculos mas filósofo francês, aquele que fala que a pós-modernidade corresponderia a um "fim de mundo" sem tragédia: "E se a realidade se dissolvesse sob nossos olhos? não no nada, mas no mais real que o real, o triunfo dos simulacros."

Acho que essa frase do Jean vai abrir minha carta resposta. Filosoficamente. É que o problema do meu amigo de Nova Iorque não é só de óculos, mas de visão. É que ele é ligado às ciências humanas e, como os bons sociólogos, antropólogos e historiadores, se apaixonou pelas coisas pessimistas como o pecado, a morte, a desgraça, a tristeza, os

estados mórbidos. Quando residia aqui no Brasil, nem comer direito comia, lembrando sempre Rousseau, que comia mal e já falava, no século passado, de uma nutrição ecológica. Em alguns dias, parecia Napoleão, que comia qualquer coisa, e apressado, bebendo vinho misturado com água, que horror!

Penso também que, para concluir a missiva, depois de tratar de assuntos triviais (família, situação do país, cruzados bloqueados etc.), numa sugestão pós-moderna, vou relacionar uma cesta básica de obscuros objetos do desejo: aquele lustrador de sapatos elétrico e portátil chamado QUICKSHINE que pousou por 299 francos na LES AS DU PLACARD, Paris; um despertador em forma de bomba-relógio (3.300 pesetas nas PINZAS de Madri); o STRESS MAN, aparelho eletrônico portátil contra estresse, ao preço de 169 libras, em Londres; um curso intensivo — e pra lá de secreto — sobre o bel-canto através do livro "ÓPERA PLOTS MADE EASY", 5 libras do MUSEUM STORE, Londres; aquele sanduíche perfeito do Pólo Club no Hotel Westbury de Nova Iorque — SKYSCRAPER, do qual forneço receita em nota abaixo; um exemplar dos exclusivíssimos óculos de alumínio com detalhes em espiral que JEAN-PAUL GAULTIER acaba de desovar pela Europa afora, 315 dólares na OPTIKBERLIM, Berlim... Acho ainda que, para me despedir, vou enviar um sorriso livre de ouro, amálgamas e afins, restaurado sō com resinas por GORDON CHRISTESEN, Utah, a 850 dólares o dente.

Receita para sanduíche SKYSCRAPER CLUB (Aranha-Céu Club). Em cima de um brioche de pimentão verde construa camadas de salmão defumado, caviar vermelho, abacate e alface vermelha (para melhor sabor e textura, os ingredientes devem ser dispostos nessa ordem). Sirva com três quadrados de pão branco de 1/4 de polegadas, com casca dourada, pickles

doce e grandes azeitonas verdes recheadas, lavado com um "scotch" ou dois. Sirva para um bando de charletas - antropofagicamente.

Maria Lucia de Amorim Soares

4º lugar

**FILOSOFANDO OU MATUTO PENSANTE
OU MATUTO NÃO PENSA
OU A VIDA É ASSIM MESMO OU OLHA EU AQUI!**

Lá vai o matuto. Calça de riscado, camisa de riscado, camisa de xadrez e sapatão de couro de boi sujo de bosta de vaca. Mas quem se importa? Matuto não pensa. Quando diz alguma coisa, a gente até pensa que ele também é gente. Mal responde.

Educação é tão bom que cabe em qualquer lugar, a qualquer hora do dia ou da noite.

Conhece aquele "causo do lubisome"? "Quenta" fogueira, "pita" no pito, "assunta" a lua e prevê o tempo. É bicho em extinção. Não tem lugar na civilização.

— Faz favor, dona?

Novela das seis, novela das sete, novela das oito. Não tem mais novela das dez?

— Entre na fila, moço.

Será que aqui também tem santo pra beijar? Disseram que eles guardam o dinheiro da gente. Será que, quando eu vier buscar de novo, eles vão saber qual é o meu?

O que será essas máquinas que apitam? Eu gosto mais do grito do curiango no escurecer.

O matuto está pensando!!! Mas ninguém se dá

conta. A moça olha como se ele fosse retardado:

– Pois não, moço – pausa – Poi não, moço!!

– Quero guardar o meu dinheiro.

– Já preencheu os formulários?

– Não sei o que é isso não, senhora.

– Então, entre na outra fila. O próximo!

Está se sentindo que nem peteca, daquelas grandes, de pena de galo índio, que sobe até a copa da paineira do terreiro.

Olha pela janela ... As pessoas da cidade são esquisitas, falam demais e não dizem nada. Gosto mesmo é de conversar com compadre Firmino. Aquele, sim, tem prosa boa, que bate no coração da gente.

Na falta de coisa melhor, ouve a conversa:

– Você viu, está faltando leite!

Com a Mocha e a Pintada tem disso não ... Preciso capinar a tigüera para a planta do feijão das águas ... aproveitar a estiagem. O milho também, mas tem que esperar a força da lua. Bem entendido... depois da destala do fumo de compadre Merenciano. Olha novamente pela janela ... Será que as pombas lá de casa também sofrem por morar em casas tão pequenas? Acho que não ... elas têm asas ...

– Acorda, moço! O que o senhor deseja?

– Olhe, dona, eu queria guardar o meu dinheiro aqui mas, pensando melhor, eu vou deixar de-

baixo do colchão mesmo. Como dizia o defunto Levino Pires, meu avô: o seguro morreu de velho! Adeusinho, dona. Não é nada com a senhora, não. Vou mais é voltar pro meu sertão. Lá eu sou que nem gente e entendo das coisas. No mais é picar a mula, digo, o cavalo.

– Isto é um assalto! Todo mundo no chão, se não leva bala!

– E essa agora! É gente ou é bicho? Fala feito gente, mas tem uma cara espichada...esquisita.

– Sai, mendigo! Vai esmolar noutro lugar. Aqui não tem pra você!

Pescoção ... o matuto estatelou na calçada.

– Vamos embora, Tordilho! Pena que cavalo não nasceu com o dom da fala, porque o pessoal não vai acreditar, quando eu contar tudinho lá na venda do Isaías.

Shirley Aparecida Jamelli de Almeida

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Finalmente!

Era um verde e todos podiam ver.

Acabara de filiar-se a uma renomada Associação de Proteção ao Meio Ambiente.

Está certo que, com isso, gastara um quarto de seu salário de bóí, mas nada mais importante do que ajudar bichinhos e plantinhas e divulgar uma mensagem ecológica. Pagou a taxa de inscrição, levou uma camiseta e um folheto.

Estava todo verdinho: tênis, boné, bermuda, camiseta com mensagem de "Preserve o Verde", "botton" do partido verde. Ainda assim, sentia-se incompleto, faltava alguma coisa. Parou na padaria, comprou um sorvete. De pistache.

— Ah, agora sim! O calor, nos últimos anos, anda de matar. Vê lá, abafado desse jeito, em pleno inverno! Só pode ser o efeito estufa, pensou.

— Alfação, tá procurando a horta?! —berrou um boizinho que o ultrapassava de motocicleta.

Mas ele nem se importou. Sentiu até um pouco de orgulho. (nada mais verde que alface). Orgulho e pena também: o rapaz, tão moço e tão inconsequente, provavelmente, era mais um daqueles que passam dias e noites fazendo gracinhas em cima da moto, sem calcular a trágica consequência desse hábito assassino que, inconscientemente, ajuda a destruir a

já tão sofrida natureza, poluindo o ar e o som. Seu pai ele já havia convencido a trocar o velho fusca movido a gasolina por um outro mais recente, a álcool, o que resultou, afinal, na obrigação nada agradável de ouvir muitos sermões e reclamações paternas, quando, alguns meses depois, ocorreu no país uma escassez daquele combustível.

Pois é. Ser um divulgador da consciência ecológica, às vezes, lhe causava problemas e chateações. Certa ocasião, brigara com uma vizinha solteirona, amiga de infância de sua mãe, de quem ele separou o único e amado companheiro, um papagaio de peito roxo, animal silvestre, em vias de extinção, de posse não regularizada. Denunciou a posse ilegal ao Ibama que, com base na lei, apreendeu o animal, deixando Dona Ilza desnorteada e a mãe zangadíssima com ele.

Apesar desses contratempos seguiu seu caminho, pensando na falta de consciência das pessoas, na iminência da liberação da caça ao jacaré, na poluição produzida pela queima dos poços de petróleo no Kwait. Assim chegou ao ponto do ônibus. O sorvete acabou, o ônibus chegou; e ele jogou a casquinha e a pazinha, por ironia do destino, no canteiro do jardim.

Maria Cláudia Bonadio